

MULTILINGUISMO E PLURALIDADE LINGUÍSTICA EM TIMOR-LESTE*

Vicente Paulino**

 <https://orcid.org/0000-0003-0215-9712>

Como citar este artigo: PAULINO, V. Multilinguismo e pluralidade linguística em Timor-Leste. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO16136

Submissão: maio de 2023. **Aceite:** julho de 2023.

Resumo: A Constituição da República Democrática de Timor-Leste estabelece o português e o tétum como línguas oficiais, reconhecendo o inglês e o bahasa indonésio como línguas de trabalho, pelo que se assume, à partida, um país com pessoas bilíngues e multilíngues. Pretende-se, neste trabalho, relacionar o multilinguismo e o bilinguismo em países como Brasil e Estados Unidos da América, Paraguai e Canadá. Pretende-se, ainda, debruçar sobre alguns conceitos de multilinguismo e bilinguismo como suporte teórico para falar de bilingue e multilíngue em Timor-Leste. Abordar, particularmente, a forma como o português é consolidado e apropriado pelos timorenses. Além disso, a abordagem se articula também com a *forma* e o *sentido* do uso de vocabulários com origens na língua tétum em contexto multilíngue.

Palavras-chave: Timor-Leste. Bilinguismo. Multilinguismo. Língua portuguesa. Língua tétum.

* Este texto é produzido no âmbito do meu estágio Pós-Doc em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.

** Universidade Timor Lorosa'e (CECA-UNTL), Díli, Timor-Leste. E-mail: vicentepaulino123@gmail.com

INTRODUÇÃO

Timor-Leste é um país que está localizado geograficamente no Sudeste Asiático. Do ponto de vista biológico, aproxima-se mais das ilhas vizinhas da Melanésia, o que o colocaria na Oceania e, por conseguinte, faria dele uma nação transcontinental.

É um país que restaurou a sua independência em 20 de maio de 2002. Essa restauração aconteceu graças a uma luta heroica dos timorenses ao longo do domínio colonial português durante cerca de quatro séculos e sofreu os efeitos da ocupação japonesa durante a Segunda Guerra Mundial. Mais marcante ainda foi a luta heroica contra a invasão e a ocupação pela vizinha Indonésia.

É um país que, desde o início, tem sua própria identidade cultural, identidade religiosa e identidade linguística. No que diz respeito à identidade linguística, Timor-Leste é um país bilíngue e multilíngue.

Timor é um país plurilíngue onde coexistem várias línguas locais, de origem austronésia e papua, com o português durante quatro séculos da administração colonial portuguesa e o bahasa indonésia durante vinte e quatro anos de ocupação indonésia (Costa, 2001, p. 59).

Timor-Leste é chamado de “mestiço na língua e na cultura” (Paulino, 2011), ou seja, é como “uma manta de retalhos etnolinguística, com importantes cisões políticas e sociais que pretende dar a mão ao projecto da construção do Estado-nação” (Paulino, 2011, p. 77). Todavia, a questão do multilinguismo e a língua portuguesa em Timor-Leste são temas que constantemente estão em debate. A discussão em torno dessas questões linguísticas está sempre na mira da decisão política linguística. Os falantes timorenses de duas e três línguas normalmente vivenciaram uma só língua durante a infância, é a sua língua materna (ou primeira língua) e, posteriormente, já na vida adulta, tiveram contacto e aprenderam outras línguas.

O MULTILINGUISMO E O BILINGUISMO

No século XIX, a maioria dos filólogos dessa época definia ou identificava “línguas” como um elemento associado às “nações” ou às “civilizações”, justificando que só os povos com escrita podiam ser chamados de “civilizados”, aqueles que faziam parte de “grandes civilizações”, como Egito, Índia Antiga, Grécia, Roma, China (cf. Saussure, 2001; Labov, 1972). Esses territórios são classificados como “berço de civilizações” que já se comunicavam entre si com línguas diversas, escolhendo uma ou duas línguas como língua de comunicação ou de contacto. Assim, pensa-se já nas “línguas do mundo”, aquelas que são faladas pela maioria da população mundial, como no caso do português, do inglês, do espanhol, do francês, do alemão, do italiano, do chinês, do árabe, do hebraico e do russo, ou seja, os idiomas mais falados no mundo correspondem aos impérios do passado.

No caso do português, pode ser classificado como centro de união entre vários países que se comunicam com o mesmo idioma, isto é, o português que é falado por nove países – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste –, de diferentes

continentes, sendo designado como “língua nacional e oficial”, “língua transnacional”, “língua internacional” e “língua global”. Se é assim, um sujeito timorense possui uma identidade linguística unificada e estável, tornando-se um sujeito de várias culturas dentro de seu próprio território ou de seu país. O mais importante é que, entretanto, o sujeito de uma cultura local encontre uma maneira de se adaptar aos acontecimentos mundiais, principalmente no que diz respeito aos efeitos da globalização, para que não causem transtornos no seu modo de viver e de estar com a cultura global.

Então, o que se relaciona com a questão de multilinguismo e o bilinguismo?

O multilinguismo é um termo que está, cada vez mais, definido como um fenômeno social no uso de duas e mais línguas por determinadas sociedades ou por determinados países. O multilinguismo surge como fenômeno social pela própria evolução da sociedade em relação à sua abertura à cultura global. De facto, o bilinguismo ou multilinguismo estão presentes em praticamente todos os países do mundo, seja ele oficialmente reconhecido ou não (Romaine, 2006, p. 388). Por exemplo, o Brasil e os Estados Unidos são países bilíngues (ou multilíngues) de fato, mas não oficialmente e não na imaginação popular. Mas muitos países são bilíngues oficialmente, por exemplo, Canadá, Paraguai e Timor-Leste – estes são exemplos de bilinguismo social oficial, porque as sociedades são oficialmente bilíngues. O Canadá é um país que tem mais de 80 línguas, mas só duas são oficiais: o inglês e o francês. No Paraguai, existem 20 línguas, mas só duas são oficiais: guarani e espanhol. Em Timor-Leste, existem cerca de 31 línguas, das quais 16 são consideradas nacionais e duas, oficiais: o português e o tétum.

Contudo, o termo bilinguismo é aplicado às pessoas com a capacidade de se comunicar em duas línguas de forma fluente, por exemplo, um timorense comunica-se em língua bunak e em tétum, em língua bunak e em makasae, em tétum e em português. Por isso é que cada indivíduo é um ser bilíngue, como adverte Edwards (2006, p. 7):

Todo mundo é bilíngue. Ou seja, não há ninguém no mundo que (pelo menos nenhum adulto) não conheça pelo menos algumas palavras em outras línguas que não a materna. Se, como falante de inglês, você consegue dizer c'est la vie or gracias or guten Tag or tovarisch – ou mesmo se você apenas os entende – você claramente tem algum domínio de uma língua estrangeira... A questão, claro, é uma das seguintes: grau, e é uma questão que continua a exercitar a imaginação e uma questão de importância nos estudos de pesquisa¹.

Em todo o caso, um país é considerado como íconico linguístico de uma cultura global quando permite expressões de outras línguas, sejam utilizadas nos espaços públicos como nas facetas de ruas, nas placas das lojas, nas escolas e em alguns edifícios públicos. Isso depende também da decisão política do governo em conceber a licença sobre o uso multilíngue no seu país.

¹ That is, there is no one in the world that (no adult, anyway) who does not know at least a few words in languages other than the maternal variety. If, as an English speaker, you can say c'est la vie or gracias or guten Tag or tovarisch – or even if you only understand them – you clearly have some command of a foreign tongue... The question, of course, is one of degree, and it is a question that continues to exercise the imagination, and a matter of importance in research studies.

Figura 1 – Placa bilíngue (mandarim e português) de uma rua em Macau



Fonte: Vicente Paulino (2011).

Figura 2 – Placa trilingue que indica a porta de entrada em Macau



Fonte: Vicente Paulino (2011).

Figura 3 – Entrada do Museu Islão em Malaca, em língua malaia e em inglês



Fonte: Vicente Paulino (2010).

Figura 4 – Placa bilingue em Hong Kong

Fonte: Vicente Paulino (2011).

Regiões como Macau, Hong Kong (China) e Malaca (Malásia) estão na mira de contacto dos povos de diversos países do mundo e, por isso, tomam sempre uma política de uso da língua nacional em consonância com o uso da língua internacional. No caso de Macau, usa-se a língua mandarim ou macaense como *língua de primeira instância*, a língua portuguesa como segunda língua *em uso* e o inglês como terceira língua *em atracção* (é usada para dar atenção aos visitantes não falantes do português e da língua local). Nesses pressupostos, segundo K. Buhler (*apud* Lyons, 1979), as expressões linguísticas assumem formas distintas de acordo com a proeminência de cada um dos componentes da comunicação – do que se extrai a distinção entre função referencial, função expressiva e função demarcadora –, em que cada língua apresenta uma forma de acelerar o ritmo de partilhar informações, ideias, normas e valores entre povos. É assim que se entende a função de uma língua na sociedade e a sua existência é mantida pelos sujeitos que a produzem.

TIMOR-LESTE COMO UM PAÍS BILÍNGUE E MULTILÍNGUE

Em Timor-Leste encontram-se pessoas a falar duas ou mais línguas com muita frequência. O mais visto é um timorense que fale fluentemente duas línguas, isto é, fala a sua língua materna e a língua cooficial, o tétum. Significa que os timorenses, em sua maioria, estão na categoria linguística de bilinguismo, contudo, alguns pertencem à categoria linguística de multilinguismo. Desse modo, sejam os timorenses bilíngues ou os multilíngues, eles estão mais predispostos ao desenvolvimento da competência linguística, ou seja, à aquisição de determinadas línguas nacionais.

Timor-Leste é um país de encruzilhadas culturais e de acolhimento por natureza, pois dá espaço para que países de diferentes línguas e culturas atuem no território como investidores e, desse modo, criem campos de trabalho aos jovens timorenses. Nesse contexto, frequentemente são usados o bahasa indonésio e o inglês como línguas de comunicação e de trabalho. Para além desses dois idiomas, é sempre garantido o uso do tétum e do português em documentos pessoais e coletivos associados às regalias de contratação do trabalho e do registo na administração pública timorense. Portanto, em termos de funcio-

nalismo, a língua é definida como um instrumento de interação e uma estrutura ligada às diversas situações sociocomunicativas, socioadministrativas e socioeconômicas. Cada sujeito faz parte de uma comunidade falante e utiliza a língua como forma de interagir em diversas situações para alcançar diversos objetivos planejados.

Entende-se, nesse sentido, o fenômeno social de bilinguismo e/ou multilinguismo em Timor-Leste visível nas seguintes situações:

- O português é a língua oficial, mas está na categoria linguística de segunda língua aprendida na escola.
- Embora o tétum seja uma língua cooficial, o seu uso é, para alguns estudantes, como segunda língua aprendida na escola.
- Alguns emigrantes, ditos estrangeiros, falam suas línguas e também a língua timorense, como o tétum e outras línguas nacionais.
- Os timorenses, na sua vivência quotidiana, falam fluentemente duas línguas, isto é, a língua materna (como bunak, kemak, mambae, makasae, fataluku etc.) e o tétum.
- Há timorenses que falam mais de três línguas, por exemplo, numa família A encontra-se um elemento X (de origem Ossu e fala makasae) e Y (de origem Maliana e fala bunak), e esses X e Y falam fluentemente makasae, bunak, tétum e língua indonésia. Além disso, expressam também algumas palavras em português.

O que se entende aqui é, portanto, como se diz na sociolinguística, em que não se pode definir uma língua no seu sentido singular, que a definição de língua deve ser apresentada como “línguas” no seu sentido plural, porque trata-se de um fenômeno linguístico e social que se congrega a todos os humanos e em línguas diversas. Nota-se isso no facto de que cada indivíduo se comunica e interage em línguas diferentes, embora o seu uso possa ser distinto umas das outras. Desse modo, o querer de um indivíduo para falar uma ou mais línguas é algo de esforço e de orgulho, porque, como dizia Bakhtin (2010, p. 58): “aquilo que pode ser feito por mim não pode nunca ser feito por ninguém mais. A unicidade ou singularidade do Ser presente é forçadamente obrigatória”.

Figura 5 – Placa bilingue na fortaleza de Balibo, Timor-Leste



Fonte: Vicente Paulino (2021).

Figura 6 – Imagem que denota claramente a existência de multilinguismo em Timor-Leste²



O uso do vocabulário bilingue é, muitas vezes, aplicado por timorenses na sua fala quotidiana. O uso dos vocabulários do tétum e do português de forma espontânea em *um contexto* com um *certo sentido* acontece sempre no momento em que se estabelece no ato da fala tal como se ilustra no exemplo a seguir:

A: *Etelvina Bau dehan katak señor, sé ita-boot lakohi simu resultadu ne'e, signifika katak ita-boot mak lakohi kopera. Ida hanesan ne'e não pode ser, labele duni. É melhor aceitar duke lakohi³.*

B: *Leonel mós hatutan tan katak a não ser ita-boot iha alternativa seluk⁴.*

O exemplo dado anteriormente trata-se de um “estilo da fala” que está fora da regra normal de linguística. Ou seja, o comportamento linguístico do falante não está a seguir o padrão correto na fala. Mesmo assim, a sua compreensão sobre a realidade apresentada na fala não exclui a sua competência linguística em apresentar uma variedade do uso da palavra à medida que a comunicação é realizada. Mesmo que no caso do uso do vocabulário português, mude-se de acordo com o modo de dizer no tétum, por exemplo, a palavra “*não*” em português remete ao pronunciamento “*naun*” em tétum; o uso da expressão “é melhor aceitar” na fala coloquial não pode ser apresentado diretamente na forma tal e qual como é na escrita, e por isso seria melhor usar “*di'ak liu aseita*” do que escrever “*mellór aseitár*”, porque na escrita do tétum não fica bem colocar a palavra falada diretamente na escrita. Também a expressão “*a não ser*”, anunciada oralmente em tétum, implica o seu uso na escrita, porque no tétum não se pode escrever “*a naun ser*”, mas escreve-se “*se karik*”, e em uma frase completa seria “*se karik ita-boot iha alternativa seluk*”.

2 Na figura apresentada, compreende-se que um timorense fala uma e mais línguas, isto é, fala bunak, fala tétum, fala tokode, fala português. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Portugu%C3%AAAs_de_Timor-Leste#/media/Ficheiro:L%C3%ADnguas_timorenses.JPG. Acesso em: 21 ago. 2022.

3 Significa, em português, “Etelevina Bau disse que senhor, se você não querias aceitar este resultado, significa que você próprio que não queria cooperar. Se assim *não pode ser*, não pode assim. É *melhor aceitar* do que não queria”.

4 Significa, em português: “Leonel também acrescenta que *a não ser* você tem outra alternativa”.

O bilinguismo em Timor-Leste pode ser percebido também pela sua localização linguística, que no campo da sociolinguística remete sempre à relação de duas línguas que se aproximam uma da outra. Como no caso da língua bunaque, que faz fronteira com a língua quemaque (região de Bobonaro), língua bunaque que se cruza com o tétum-terik (região de Covalima), língua bunaque que se entrelaça com o mambae (região de Ainaro), língua bunaque que se localiza na zona de mambae e tétum-terik (região de Manufahi). Portanto, as comunidades, tanto do bunaque, do quemaque, do mambae e do tétum-terik, falam suficientemente essas línguas, utilizando-as como línguas de comunicação e de divertimento entre elas. Por essa razão, como diziam Cavalcanti e Bortoni-Ricardo (2007, p. 75), os bilíngues sentem-se mais à vontade na companhia de outros bilíngues, pois na interação com monolíngues não podem lançar mão de todas as habilidades comunicativas que têm à sua disposição. Assim, do ponto de vista sociolinguístico, a variabilidade linguística dessas línguas desenvolve-se de forma tão natural devido à sua relação com diversos fatores linguísticos e sociais a elas associados. Isso faz com que a mudança linguística de uma ou mais línguas seja legitimamente considerada como algo natural e normal. Embora não exista

[...] uma língua melhor ou pior, não há línguas primitivas ou evoluídas – toda língua permite a expressão de qualquer conceito. Caso seja necessário incorpora-se vocabulário novo ampliando-se o léxico da língua em questão. Todas as línguas mudam continuamente (Silva, 2009, p. 18).

CONSOLIDAR E APROPRIAR O PORTUGUÊS EM TIMOR

Quando o português foi assumido em Timor-Leste, de 1515 a 1975, sua função era como língua de administração e instrução. Os falantes timorenses chegavam apenas a 5% da população, e o português foi proibido nas escolas durante a ocupação Indonésia. Só depois de 1999 (após consulta popular é que Timor-Leste ganhou a sua independência total), começaram a reintroduzir o português como língua oficial. Entretanto, a existência do português em Timor é algo que surgiu no início da construção do Estado. Sua existência é tratada como um fenômeno de “ressurgimento no adormecimento” (Soares, 2019), porque ficou ausente de Timor durante 24 anos devido à ocupação territorial pelos indonésios. Assim, o ressurgimento do português em Timor-Leste aconteceu graças a um esforço coletivo dos líderes timorenses, como Xanana Gusmão, Ramos-Horta, Mari Alkatiri, entre outros. Esse esforço coletivo fez com que o português começasse a ser definido como língua oficial de Timor-Leste, conforme está consagrado na Constituição da República, Art. 13 – alínea 1: “O tétum e o português são as línguas oficiais da República Democrática de Timor-Leste”. Pois bem, dizia Hull (2001, p. 39):

Parece-me que o papel central da língua portuguesa na civilização timorense é completamente inquestionável. Em poucas palavras, se Timor-Leste deseja manter uma relação com o seu passado, deve manter o português. Se escolher outra via, um povo com uma longa memória tornar-se-á numa nação de amnésicos, e Timor-Leste sofrerá o mesmo destino que todos os países que, voltando as costas ao seu passado, têm privado os seus cidadãos do conhecimento das línguas que desempenharam um papel fulcral na gênese da cultura nacional.

Essa afirmação de Hull foi firmada por ele próprio no Congresso Nacional do CNRT, em 2000. Trata-se de uma explicação positiva sobre a importância que tem o português como língua oficial de Timor-Leste, assim fazendo parte da cultura nacional timorense e mantendo os laços históricos com Portugal e com outros países lusófonos. Foi uma escolha bem concertada no âmbito da política nacional de linguística, tal como defendeu Paulino (2011, p. 80):

A escolha de uma língua em função de um património nacional e de modo mais abrangente, na medida em que se considera como figura representativa. No entanto, a justificação da escolha de uma língua é fundamentada sempre pela expressão de qualquer ideia, de qualquer realidade: das mais antigas às mais modernas, das mais abstractas às mais concretas.

A consolidação da língua portuguesa em Timor-Leste não deve ser dita nos discursos políticos, em eventos formais, com expressões elogativas da boca para fora, mas procura consolidar mesmo a política de sua implementação em todas as camadas da sociedade timorense, se quer que Timor-Leste seja firmado como centro de difusão de língua e cultura portuguesa na Ásia.

A língua portuguesa já está, mesmo que ainda numa escala menor, a ser consolidada em todo o território do país. Sua consolidação está presente nas instituições governamentais, nas escolas, nas igrejas, nas famílias e nas sociedades civis. Mas em termos do seu uso, não está bem harmonizada, porque algumas instituições públicas não utilizam o português como língua de comunicação e de administração. Isso pode implicar a sua máxima consolidação e a sua apropriação como verdadeiramente língua timorense, logo:

1. A língua portuguesa está longe de ser *língua familiar*, devido que em casa de cada família timorense ainda se fala a respetiva língua materna.
2. Está quase a assumir a função de *língua da comunidade*, pois, no contexto das comunidades bilíngues, os falantes do tétum compreendem o que um falante português está a dizer; do mesmo modo, um falante do português compreende o que um falante do tétum está a dizer. Em outras palavras, uma língua é considerada “língua da comunidade” quando é falada por um grupo étnico que mantém uma relação de afirmação da identidade, ou é falada na igreja ou no local de trabalho.
3. A língua portuguesa ainda não está a ser consolidada nos media como *língua jornalística* ou *língua de media*, pois os agentes dos media não dominam ainda essa língua como língua de transmissão de informação.
4. O português está longe ainda de ser considerado como *língua de correspondência*, pois a maioria dos serviços administrativos no funcionalismo público e nas instituições privadas estão a usar, até hoje, o tétum como língua de correspondência.
5. Outra situação é que a língua portuguesa não está ainda a ser apropriada como língua de escola.

A este último ponto, simplifica-se que o português nas escolas não está bem implementado porque grande parte dos professores ensinava e ainda ensina em língua tétum, dizendo que não há material didático suficiente em língua portuguesa, mas de facto há muitos materiais didáticos nessa língua. Portanto, o maior problema da consolidação do português em Timor-Leste está nos profes-

sores que não querem usá-lo como língua de instrução na lecionação das suas matérias na sala de aula e fora delas. É por isso que o português enquanto “língua de instrução no ensino é como um problema a resolver no currículo nacional” (Paulino, 2018, p. 79-81).

As instituições religiosas, particularmente as igrejas, também não oficializam o português como língua de celebração litúrgica. Não poucas vezes, quando a eucaristia é celebrada em português, recorrem ao tétum para a homilia (discurso não padronizado pelo missal) e aí percebe-se a dificuldade dos sacerdotes em se exprimir em português ou os fiéis entenderem o que foi dito em língua portuguesa pelas respetivas leituras. Sendo assim, algumas paróquias e instituições religiosas regulares já começaram a estabelecer o horário de celebração litúrgica em língua portuguesa. O português também não é – nas famílias timorenses – propriamente língua de comunicação familiar, e isso implica o seu uso coletivo na sociedade timorense em geral. O tétum é língua de família e de comunicação diária dos timorenses nas escolas, nas instituições governamentais, nas igrejas e nas reuniões formais e informais. É por isso que até hoje o português não se torna ainda como língua de comunicação oral, nem língua de contato entre grupos étnicos diferenciados, que falam as suas línguas e se comunicam diariamente em língua tétum (cf. Brito, 2010).

De igual modo, se a língua portuguesa é de Timor-Leste e dos timorenses, então a sua consolidação pode realizar-se com a *política de imediatividade* e com o *sentido de urgência* de aplicação na casa-mãe do Estado Parlamento Nacional, e também nos palácios ministeriais e de órgãos judiciais. Deveria ser obrigatório fazer todos os debates de sessões plenárias em português, só assim é que se ensina às pessoas em geral ou de outras instituições governamentais sobre a importância que a língua portuguesa tem na história e na cultura timorense, incluindo a sua importância no mundo da ciência e da tecnologia. É evidente que a própria perspetiva crítica sobre a existência do português como língua de cultura e de ciência desenvolve-se e muda através do tempo, mas as suas originalidades de funcionamento continuam a manter-se mediante a partilha de ideias e práticas convencionais inter-relacionadas.

No que diz respeito ao ensino da língua portuguesa nas escolas, não é viável pensar em construir uma filosofia de “*vamos apostar no português*” como língua de escolarização e de aprendizagem em um estilo de “*progressão linguística*” se não se consegue colocar bem o português no currículo nacional como sendo uma língua verdadeiramente de instrução, ou língua de ensino. Se o governo (o ministério da tutela), os diretores e os professores das escolas básicas às escolas secundárias não considerarem o português como uma língua útil para o ensino-aprendizagem, então não podem falar de uma progressão linguística em uma língua aprendida pelos alunos. O governo (o Ministério da Educação), os diretores e os professores não podem pensar apenas em tétum como língua de auxílio do processo de aprendizagem, mas pensar também em português como língua de instrução – só assim é possível alcançar a “*progressão linguística*” na aprendizagem dos alunos.

Pode dizer-se que, entretanto, a “*progressão linguística*” no ensino timoriano só poderá ter um efeito significativo (embora ainda seja apenas uma hipótese) quando o português for usado formalmente como língua de instrução, e continuamente como auxiliador do desenvolvimento do tétum. O tétum progride, enriquece-se a partir do português. Para tal, é necessário pensar em português

com os textos didáticos e ademais materiais escolares como um lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais aprendentes, procurando convergir também

[...] ações linguísticas, cognitivas e sociais, ações por meio das quais se constroem interativamente os objetos de discurso e as múltiplas propostas de sentidos, como função de escolhas operadas pelos coenunciadores, entre as inumeráveis possibilidades de organização textual que cada língua lhes oferece (Koch, 2014, p. 173).

A FORMA E O SENTIDO DO USO DE VOCABULÁRIOS DO TÊTUM NO CONTEXTO MULTILÍNGUE

Falar é a realização concreta da língua, feita por um indivíduo da comunidade num determinado momento. É um ato individual que cada membro pode efetuar com o uso da linguagem. Trata-se de uma expressão oral e de um ato intencional de vontade e de inteligência que se apoia exatamente nas “diferenças entre as línguas, ou seja, diferenças linguísticas” (Saussure, 2001). A língua tétum dos timorenses apresenta-se aqui como exemplo de diferença e de semelhança em diversas realizações, pois ela é identificada como instrumento e veículo de comunicação.

A língua tétum dos timorenses é formada pela expansão e complexidade linguística – pois é desenvolvida no sistema de comunicação linguística que emerge em contextos multilíngues – e se torna a primeira língua de interação entre vários grupos sociais. A semelhança e a diferença que têm no caso da língua referida (como exemplo) estão na sua forma existencial, no seu sentido de aplicação e na sua própria distribuição funcional com uma língua estrangeira como o português ou o espanhol, tornando-se “facilidade ou dificuldade na aquisição do léxico desta língua estrangeira” (Lado, 1972, p. 15). Na comparação do léxico da língua tétum com o da língua estrangeira nota-se que as palavras estão agrupadas conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Comparação do léxico entre a língua tétum e a língua portuguesa

Semelhantes	Diferentes	Classificação	Exemplos
1. Forma e sentido	–	Fácil	ótel, óspital, mesa, lápis, empresta, ler, parar
2. Forma	Sentido (heterossemânticos)	Difícil	komikudór, rungu-ranga
3. Sentido	Forma	Normal	pasiente, sangria, auzente, aselera, ezekusaun
4. –	Forma e sentido (sentidos estranhos)	Difícil	kalkulasaun, komitmentu, ajudasaun
5. –	Tipo de construção (novos tipos de forma)	Difícil	anota (anotar), purtantu, enkuantu, tenke, alénde

(continua)

Quadro 1 – Comparação do léxico entre a língua tétum e a língua portuguesa

(conclusão)

Semelhantes	Diferentes	Classificação	Exemplos
6. Sentido primário	Conotação (conotações diferentes)	Difícil	kareta, kravvu, sumasu, saugate, mestre e ainda, entre outros
7. Sentido, mas com restrições geográficas	–	Difícil/especial	neli, intoksikasaun, akabativa, gentiu, amu, bazar, servisu, kota, dáto

Fonte: Paulino (2017, p. 142).

O exemplo apresentado no Quadro 1 é uma adaptação feita a partir do caso da língua espanhola e da língua portuguesa, como pode ser constatado no Quadro 2:

Quadro 2 – Comparação do léxico entre a língua portuguesa e o espanhol

Semelhantes	Diferentes	Classificação	Exemplos (Esp)
1. forma e sentido (cognate)	–	fácil	Hotel, flor, hospital
2. forma	Sentido (Heterossemânticos)	difícil	Abater, taller, curchilo
3. sentido	forma	normal	Cancla, niño, yerno
4. –	Forma e sentido (Sentidos estranhos)	difícil	Paella, sangria, mil millones
5. –	Tipo de construção (Novos tipos de forma)	difícil	Anoche, por tanto
6. sentido primário	Conotação (Conotação diferente)	difícil	Araña, plomo
7. sentido, mas com restrições geográficas	–	Difícil/especial	Ômnibus, guagua, coletivo, buceta

Fonte: Extraído de Silva (2009).

Percebe-se que na constituição de uma frase em língua tétum, a forma e o sentido são considerados semelhantes quando o significado da frase é muito próximo entre uma e outra, por exemplo:

A: Emar sira moras todan tenke baixa
iha óspital

A: Pessoas com doenças graves
têm de ficar internadas no hospital

B: Sé mak moras todan tenke baixa
iha óspital

B: Quem fique com doença grave
tem de ficar internado no hospital

C: Emar sira moras todan, inklui mós António, tenke baixa iha óspital

C: Pessoas com doenças graves, incluindo também o António, têm de ficar internadas no hospital.

Aqui, o enunciado A e o enunciado B são semelhantes tanto na sua forma como no seu sentido. Portanto, é muito fácil ser compreendido por qualquer leitor que ouve esse tipo de afirmação ou enunciado. Prova disso está no enunciado C, porque a frase, em si mesma, já apresenta a totalidade do sentido dos enunciados A e B; ou seja, o enunciado C é uma explicação complementar sobre um evento sucedido, por exemplo: “Os doentes que fiquem internados no hospital”.

Percebe-se ainda que, na constituição de uma frase em língua tétum, a forma e o sentido são considerados diferentes quando o significado da frase distancia-se entre uma e outra, por exemplo:

A: António ema ida ne'ebé halo kómiku

A: António é uma pessoa que faz cômico

B: António ema ida ne'ebé komikudór

B: António é uma pessoa cômica

Ou

Ou

C: Apontamentu António nian rungu-runga loos

C: Apontamento do António é desorganizado.

D: Kareta halai rungu-ranga loos

D: O movimento do carro é desorganizado

No exemplo supracitado, compreende-se que a palavra tétum “*halo kómiku*” no enunciado A não tem mesmo sentido da palavra “*komikudór*” no enunciado B. Significa que o sentido é diferente entre elas porque uma pessoa que faz o cômico não significa que ela seja uma pessoa cômica. Ou vice-versa. A mesma explicação pode ser aplicada também aos enunciados C e D – as palavras “*rungu-runga loos*” no enunciado C, referentes à desorganização do apontamento do António (mais no sentido restrito), não têm a ver com “*rungu-ranga loos*” que está no enunciado D (mais no sentido geral).

Falantes do tétum utilizam, muitas vezes, erradamente algumas palavras nas suas falas e escritas. Por exemplo, a palavra “*kalkulasaun*” na verdade não existe no dicionário do tétum, por isso é que lexicalmente é diferente tanto no aspeto de sua forma como de seu sentido. Logo, palavras como “*kalkulasaun*, *komitmentu*, *ajudasaun*” apresentam, de alguma forma, “sentidos estranhos”, como mostra o exemplo:

A: Presisa halo kalkulasaun

B: Kalkulasaun ne'ebé ha'u halo mak ne'e.

No enunciado A compreende-se, de imediato, que se precisa mesmo fazer um “cálculo”, isto é, a palavra “halo” aqui é para reforçar uma atividade a fazer urgentemente. Enquanto que no enunciado B, entende-se como uma manifestação sobre algo para fazer e, ao mesmo tempo, apresenta-se o resultado. Significa que há uma atividade para fazer, isto é, atividade de “*kalkulasaun*”, ou “*kalkulu*”

já realizada com “halo”, logo o resultado deve ser “*kalkulasaun ne’ebé ha’u halo mak ne’e* – este é o cálculo que eu fiz”.

Segue-se também outro exemplo de “sentidos estranhos” que parece pertinente para ser esclarecido:

A: Ha’u iha *komitmentu* ida atu lori Timor ne’e ba oin

B: *Komitmentu* ne’ebé ha’u iha mak atu lori Timor ne’e ba oin.

Nesses enunciados supramencionados, observa-se que, em termos da “forma”, a construção das frases é diferente, e, quanto ao sentido, também é diferente. A palavra “*komitmentu*” usada no enunciado A refere-se à noção de “princípios” que está no ser ético do dizer, e isso representa já a totalidade do sentido de uma afirmação, isto é, “*Ha’u iha komitmentu ida atu lori Timor ne’e ba oin* – Tenho um princípio de levar Timor para a frente”. Enquanto que a palavra “*komitmentu*” apresentada no início do enunciado B está a referir-se à noção de “Compromisso”, que está na recepção da obrigação moral de fazê-lo, como justifica o próprio enunciado B: “*Komitmentu ne’ebé ha’u iha mak atu lori Timor ne’e ba oin* – O compromisso que tenho é levar o Timor para a frente”.

Devido ao facto do tempo e do espaço, as dificuldades variam em alguns grupos linguísticos que se sobrepõem, deixando algumas palavras se encaixarem em mais do que um grupo. O próprio Lado (1972) previu um nível geral de dificuldade e classificou cada grupo desses em um dos três níveis: “fácil”, “normal” e “difícil”. O mesmo autor ainda os relacionou com os exemplos dados no Quadro 3, apresentando os seguintes vocabulários estranhos na fala de uma pessoa em língua tétum:

Quadro 3 – Vocabulários no discurso coloquial e na escrita em língua tétum

Expressar o vocabulário estranho no discurso coloquial	Expressar o vocabulário corretamente na fala e na escrita
Halai <i>lansadu</i>	Halai <i>lalais</i>
Hatais <i>rápidu</i> loos (hatais para <i>rápidu</i> ida, la hatene atu ba ne’ebé karik)	Hatais <i>furak</i> loos (hatais para <i>furak</i> ida, la hatene atu ba ne’ebé karik)
Akompaña ho <i>ajudasaun</i>	Akompaña ho <i>ajuda</i>
Halo <i>kalkulasaun</i> ho diak	Halo <i>káلكulu</i> ho di’ak
Koalia ne’e tenke ser <i>transparente</i>	Ko’alia ne’e tenke <i>klaru</i> ka <i>haktuir loloos</i>
Apoiu sira ne’e hodi taka <i>limitasaun</i> ne’ebé ami hetan	Apoiu sira ne’e hodi atende ami nia <i>difkuldade</i> sira
Sira koalia hanesan ne’e tanba iha <i>interesadu</i>	Sira ko’alia hanesan ne’e tanba iha <i>interese</i>
Hodi nune’e bele iha <i>dezenvolve</i>	Hodi nune’e bele iha <i>dezenvolvimentu</i>
Ba <i>Futuraun</i> folin petróleu	Ba <i>futuru</i> folin petróleu nian

Fonte: Adaptado de Paulino (2017, p. 143).

O exemplo simplificado indica claramente aquilo que acontece a um indivíduo como resultado da escolarização enquanto experiência vivida sustentada pela teatralidade da fala incorreta, e isso se reflete na “globalidade provisória” do ato de dizer espontâneo. Entende-se, portanto, que os vocabulários estranhos no discurso coloquial – em língua timorense, o tétum – são tratados como “estilo de expressão”, que erradamente são aceitos como “progressão linguística”, que dá a performance à competência comunicativa, ou seja, uma maneira de “ensaio linguístico transitório”, em que o estado inicial de aquisição da língua toma a experiência como um “dado de entrada” e fornece a língua como um “dado de saída”, e esse último é internamente representado no cérebro. Contudo, no campo da “correção linguística”, não funciona dessa forma, porque há uma ausência indelével na norma, a carga de expressão de uma materialidade da palavra sempre incompleta quando é desconsiderado o seu sentido correto na fala e na escrita. Ou seja, quando “não domina o repertório dos gêneros da conversa social, de uma falta de conhecimento a respeito do que é enunciado, não toma a palavra no momento certo, e começar e terminar no tempo correto” (Bakhtin, 2000, p. 304). Sendo assim, os vocabulários estranhos pronunciados dependem também da expectativa coletiva que lhe garante o sentido social, como adverte Bourdieu (1996, p. 45):

A língua legítima não tem o poder de garantir sua própria perpetuação no tempo nem o de definir sua extensão no espaço. Somente esta espécie de criação continuada que se opera em meio às lutas incessantes entre as diferentes autoridades envolvidas, no seio do campo de produção especializado, na concorrência pelo monopólio da imposição do modo de expressão legítima, pode assegurar a permanência da língua legítima e de seu valor, ou seja, do reconhecimento que lhe é conferido. [...] a luta tende continuamente a produzir e reproduzir o jogo e tudo o mais que está em jogo, reproduzindo naqueles que se encontram directamente envolvidos nele (mas não apenas entre eles) a adesão prática ao valor do jogo e do que está em jogo (móveis de concorrência), que define o reconhecimento da legitimidade. [...] Qualquer jogo termina quando se começa a perguntar se vale a pena.

Trata-se de uma situação comunicativa muito comum nas perspectivas interacionistas no mercado simbólico de trocas linguísticas. É, portanto, na economia da linguagem que se contrasta sempre com a sua ambivalência. É incômodo ter de se explicar tudo o que se diz, e por vezes pode ser desastroso. O grande problema é o de atribuir intenções às frases e aos atos – é um problema de suspeita, e não de linguagem (por exemplo, ideia do trauma), quando o passado de um indivíduo se torna causa do seu presente. É impossível retirar o que se disse na oralidade (presença, atualidade) – quando um indivíduo fala certo ou errado, a frase torna-se pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que embora Timor-Leste seja um país bilíngue e multilíngue, nota-se que a língua mais falada pela sua população é o tétum. O tétum e o português são as línguas oficiais do país, mas o tétum é usado predominantemente em todos os serviços de funcionamento público e em toda a atividade do ensino.

Além disso, o *bahasa indonésio* e a língua inglesa são considerados línguas de trabalho pela atual constituição da República Democrática de Timor-Leste.

Esses factos implicam a consolidação do português enquanto língua oficial do país em todas as instituições governamentais, nas escolas, nas igrejas, nos mídias. Sendo assim, o interesse dos políticos e dos timorenses de querer/apostar no português como língua verdadeiramente timorense mantém-se até hoje. Significa que tudo se realiza quando a alma é grande para fazer nascer grandes obras.

Quando se fala de multilinguismo em Timor-Leste, fala-se com certeza em línguas no seu sentido plural, porque o país tem sido constituído por uma babel linguística bem definida geograficamente, isto é, na sociolinguística, fala-se em línguas timorenses como um fenômeno linguístico e social que apresenta o perfil de cada grupo etnolinguístico existente no território.

Finalmente, para “apropriar” o português como língua timorense, é necessário haver uma intervenção ativa por parte do Estado timorense, particularmente no que diz respeito à sua consistência política e à consciência coletiva dos agentes envolvidos na promoção dessa língua camoniana em todas as camadas timorenses. Em virtude disso, considera-se o termo “apropria e/ou apropriação” como uma representação do problema de “afirmação linguística”.

MULTILINGUALISM AND LINGUISTIC PLURALITY IN TIMOR-LESTE

Abstract: The Constitution of the Democratic Republic of Timor-Leste establishes Portuguese and Tetum as official languages, recognizing English and Bahasa Indonesia as working languages, so it assumes, from the outset, a country with bilingual and multilingual people. The aim of this work is to relate multilingualism and bilingualism in countries such as Brazil and the United States of America, Paraguay and Canada. It is also intended to address some concepts of multilingualism and bilingualism as a theoretical support to speak of bilingual and multilingual in Timor-Leste. Addressing, particularly, the way Portuguese is consolidated and appropriated by the Timorese, in addition, the approach is also articulated with the *form* and *meaning* of the use of vocabularies with origins in the Tetum language in a multilingual context.

Keywords: Timor-Leste. Bilingualism. Multilingualism. Portuguese language. Tetum language.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- BRITO, R. H. P. Temas para a compreensão do atual quadro linguístico de Timor-Leste. *Ciências e Letras – Revista da Faculdade Porto-Alegrense*, Porto Alegre, n. 48, p. 175-194, jul./dez. 2010.

- CAVALCANTI, M. do C.; BORTONI-RICARDO, S. M (org.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- COSTA, L. O tétum, factor de identidade nacional. *Revista de Letras e Cultura Lusófonas*, Lisboa: Instituto Camões, n. 14, p. 59-64, 2001.
- EDWARDS, J. Foundations of Bilingualism. In: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. C. (eds.). *The handbook of bilingualism*. Maiden, MA: Blackwell, 2006. p. 7-31.
- HULL, G. Língua, identidade e resistência. *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, Lisboa: Instituto Camões, p. 80-92, 2001.
- KOCH, I. V. *As tramas do texto*. São Paulo: Contexto, 2014.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LADO, R. *Introdução à linguística aplicada*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Editora Nacional, Universidade de São Paulo, 1979.
- PAULINO, V. Cultura e múltiplas identidades linguísticas em Timor-Leste. In: SOUSA, I. C. de; CORREIA, A. M. (org.). *Lusofonia: encruzilhadas culturais*. Macau: Saint Joseph Academic Press, 2011. p. 70-87.
- PAULINO, V. O sentido de hardware na educação e centro do nosso ser na linguagem e no texto. In: PAULINO, V.; SANTOS, M. M. dos. (org). *Língua e linguagem no quotidiano*. Díli: Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento/Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da UNTL, 2017. p. 141-161.
- PAULINO, V. Currículo nacional de ensino de Timor-Leste como um problema a resolver. In: FONSECA, S. da; BAPTISTA, M. do C.; ARAÚJO, I. S. B. de (orgs.). *Desafios da educação em Timor-Leste: responsabilidade social*. Díli: Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento/Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da UNTL, 2018. p. 75-96.
- ROMAINE, S. The bilingual and multilingual community. In: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. C. *The handbook of bilingualism*. Maiden, MA: Blackwell, 2006. p. 385-405.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SOARES, L. V. O português no contexto multilíngue timorense: entre ficar e partir. *Linha D'Água*, v. 32, n. 2, p. 87-106, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v32i2p87-106>. Acesso em: 18 ago. 2022.